



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

CAMPUS REALENGO
TERAPIA OCUPACIONAL

ANA CHRISTINA DIAS DA SILVA
EDILAINÉ CAMARINHA DE FREITAS DA SILVA

**TELECONSULTA: UMA EXPERIÊNCIA NA
GRADUAÇÃO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

RIO DE JANEIRO
2020

ANA CHRISTINA DIAS DA SILVA
EDILAINE CAMARINHA DE FREITAS DA SILVA

Teleconsulta: Uma experiência na graduação de Terapia Ocupacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ/ Campus Realengo.

Orientadora: Prof^a Msc^a Simone Maria Puresa Fonseca Lima

RIO DE JANEIRO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.

Elaborada por Alane Elias Souza

Bibliotecária - CRB 7 nº 6321

S586

Silva, Ana Christina Dias da.

Teleconsulta: Uma experiência na graduação de Terapia Ocupacional. / Ana Christina Dias da Silva ; Edilaine Camarinha de Freitas da Silva, 2020.

31 f.

Orientadora: Simone Maria Puresa Fonseca Lima.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Terapia Ocupacional) – Instituto Federal do Rio de Janeiro, 2020.

1. Telessaúde. 2. Teleconsulta. 3. Terapia Ocupacional. 4. Estágio. I. Instituto Federal do Rio de Janeiro. Campus Realengo. II. Silva, Edilaine Camarinha de Freitas da. III. Lima, Simone Maria Puresa Fonseca. IV. Título.

COBIB/CReal

CDU 615.851.3

ANA CHRISTINA DIAS DA SILVA
EDILAINE CAMARINHA DE FREITAS DA SILVA

Teleconsulta: Uma experiência na graduação de Terapia Ocupacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ/ Campus Realengo.

Aprovada em 07 de Junho de 2021
Conceito: 10 (dez)

Banca Examinadora

Simone Maria Puresa Fonseca Lima (Orientadora/IFRJ)

Carla Fagundes Felix (Membro Titular/IFRJ)

Lícia Helena de Oliveira Medeiros (Membro Titular/IFRJ)

Caciana da Rocha Pinho (Membro Suplente/IFRJ)

Em memória de todas as vítimas da Covid-19.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por me permitir estudar em uma instituição federal de ensino superior, por me dar saúde, forças e determinação para concluir a graduação em meio a uma pandemia, e por colocar a Terapia Ocupacional em minha vida.

Ao meu pai, Severo (como gosta de ser chamado), por seu amor e por garantir que eu pudesse me dedicar, exclusivamente, aos estudos ao longo dos últimos anos. Sem a sua ajuda eu não conseguiria realizar o sonho de me graduar.

À minha mãe, Elza, por seu amor e por sempre valorizar a importância da educação em nossas vidas. O diploma também é teu, mãe!

Ao tio Val (in memoriam) por sua amorosa passagem em nossas vidas e por ter sido um exemplo de dignidade.

Ao Nicollas por fazer com que eu deseje ser uma pessoa melhor a cada dia, por auxiliar no meu processo de desconstrução e por ter me eleito a melhor tia de todo o universo.

Ao Thor pelo amor e companheirismo dedicados a mim ao longo de toda a sua vida. Obrigada por ter me adotado como sua humana.

Ao Miguel por seu amor e por todos os momentos de descontração e alegria.

À professora Simone Puresa por ter aceitado me orientar, por ter me dado a oportunidade de vivenciar a Telessaúde, por toda sua paciência, apoio e incentivo.

À professora Lícia Medeiros pela generosidade de compartilhar seus conhecimentos comigo durante o estágio.

À Edilaine Camarinha pela parceria e trocas ao longo da graduação, por dividir comigo o desafio de elaborar este TCC, e por toda sua dedicação ao nosso trabalho.

À Susam Lage pela parceria, risadas e ajuda ao longo da jornada acadêmica.

À Luana Pifano por sempre tirar minhas dúvidas sobre ABNT, e por toda a ajuda nos inúmeros trabalhos que fizemos juntas.

À Rita de Cássia pela revisão do texto.

A todos os funcionários e servidores do IFRJ-Realengo pela atenção e dedicação que dispensaram às demandas associadas à minha formação acadêmica.

A todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Ao Projeto Telessaúde na Assistência aos Usuários Acompanhados pelo Serviço de Terapia Ocupacional da Clínica-Escola do Campus Realengo por ter possibilitado a realização deste TCC.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus vivo e verdadeiro, que sempre está comigo, por me abençoar com esta conquista. Toda honra e glória sejam dadas a Ti, Senhor!

Ao meu pai, Jerônimo Breder de Freitas, meu herói, por saber que posso contar contigo em todas as situações, que me ensina, me protege, me apoia e me ama. O diploma também é teu, pai!

À minha mãe, Marise Camarinha de Freitas, minha rainha, por ter me dado a vida e me ensinado tudo que preciso para ser o que sou. O diploma também é teu, mãe!

Ao meu marido, Jorge Constantino, que acima de tudo é um grande amigo, meu companheiro, por termos crescido e amadurecido juntos ao longo de nossa união. Tenho fé que todos os nossos bons sonhos se tornarão realidade, esse é apenas um deles! O diploma também é teu, marido!

À minha irmã, Eliane, pela amizade e atenção dedicadas sempre que precisei. Você é meu exemplo de inteligência!

À minha sobrinha amada, Juliana, que me faz muito feliz com sua presença em minha vida e com seu sorriso lindo, que ilumina os meus dias. Obrigada por acreditar que tudo ia dar certo (lembra da medalha que você fez para mim? Eu guardo até hoje).

À minha sogra, Jovelina Constantino, e meu cunhado, Sergio Paulo, pelos momentos compartilhados de alegria e apreço.

Aos familiares e amigos que torceram pelo meu sucesso acadêmico.

Aos meus colegas de graduação pelas trocas de ideias e ajuda mútua.

À minha parceira deste TCC, Ana Christina, por dividir esse sonho comigo, pelo seu apoio, paciência e dedicação.

À Letícia Lina Capichoni por sua amizade e carinho.

À minha orientadora, Simone Puresa, pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo de elaboração do TCC. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

À Rita de Cássia pelo trabalho de revisão textual e pelas sugestões.

À Carla Felix, Caciana Pinho e Lícia Medeiros pelo interesse e disponibilidade em participarem da banca examinadora do meu TCC. Sinto-me lisonjeada pela presença de cada uma!

A todos os servidores e funcionários do IFRJ-Realengo, e, especialmente, aos professores do curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional pela elevada qualidade do ensino oferecido.

Aos integrantes do projeto Telessaúde na Assistência aos Usuários Acompanhados pelo Serviço de Terapia Ocupacional da Clínica-Escola do Campus Realengo, pois através do estágio não presencial vinculado a esse projeto de extensão pude planejar meu TCC e assim concretizá-lo.

Edilaine Camarinha de Freitas da Silva

RESUMO

O contexto da pandemia de Covid-19 gerou a necessidade de profissionais de Terapia Ocupacional buscarem novas formas de manterem os atendimentos, interrompidos devido ao isolamento social para a prevenção da disseminação do novo coronavírus. A Telessaúde passou a ter lugar de destaque como campo de atuação terapêutico ocupacional, principalmente em ações como na teleconsulta. A partir disso, este trabalho tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas por duas estagiárias do curso de Terapia Ocupacional de uma Instituição Pública de Ensino Superior do Rio de Janeiro, ocorridas no período compreendido entre outubro de 2020 e fevereiro de 2021, no âmbito da teleconsulta. O estudo trata-se de um relato de vivências que ocorreram em um estágio não presencial, sob formato de Telessaúde, vinculado a um projeto de extensão. A experiência em Telessaúde se deu por meio de participação das estudantes em um estágio supervisionado, com ênfase na reabilitação física de pacientes anteriormente atendidos em ambulatório de Terapia Ocupacional e que tiveram seus atendimentos presenciais interrompidos em decorrência da pandemia de Covid-19. O uso do formato de Telessaúde se mostrou uma possibilidade viável no processo prático-teórico de formação de estudantes que necessitam experienciar a prática clínica em estágio supervisionado. Esta medida vem sendo adotada como uma alternativa para evitar que profissionais, acadêmicos e pacientes se exponham ao novo coronavírus. Para a efetivação da Telessaúde, optou-se pela realização de teleconsultas que ocorreram por meio de ferramentas tecnológicas. A experiência no estágio supervisionado, no formato de teleconsulta, proporcionou reflexões acerca da importância para o estudante de Terapia Ocupacional em ter a oportunidade de vivenciar a prática terapêutica em diferentes âmbitos. Tal experiência mostrou-se uma fonte enriquecedora de aprendizagem na formação acadêmica.

Palavras-chave: Telessaúde. Teleconsulta. Terapia Ocupacional. Estágio.

ABSTRACT

The context of the Covid-19 pandemic generated the need for Occupational Therapy professionals to look for new ways to maintain care, interrupted due to social isolation to prevent the spread of the new coronavirus. Telehealth started to have a prominent place as an occupational therapeutic field, mainly in actions such as teleconsultation. From this, this work aims to present the experiences lived by two interns of the Occupational Therapy course of a Public Institution of Higher Education in Rio de Janeiro, occurred in the period between October 2020 and February 2021, within the scope of the teleconsultation. The study is an account of experiences that took place in a non-face-to-face internship, in the form of Telehealth, linked to an extension project. The experience in Telehealth was through the participation of students in a supervised internship, with an emphasis on the physical rehabilitation of patients previously seen in an Occupational Therapy outpatient clinic and whose face-to-face care was interrupted as a result of the Covid-19 pandemic. The use of the Telehealth format proved to be a viable possibility in the practical-theoretical process of training students who need to experience clinical practice in a supervised internship. This measure has been adopted as an alternative to prevent professionals, academics and patients from being exposed to the new coronavirus. In order to make Telehealth effective, teleconsultations that took place using technological tools were chosen. The experience in the supervised internship, in the format of teleconsultation, provided reflections about the importance for the Occupational Therapy student to have the opportunity to experience therapeutic practice in different areas. Such experience proved to be an enriching source of learning in academic education.

Keywords: Telehealth. Teleconsultation. Occupational therapy. Internship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MATERIAIS E MÉTODOS	16
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foram notificadas as primeiras mortes decorrentes da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Com o avanço da disseminação mundial da Covid-19, a Organização Mundial de Saúde passou a caracterizar a situação como pandemia no dia 11 de março de 2020 (FILHO; SILVA; DIAS, 2020; MACÊDO *et al.*, 2020). No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado em fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo (FALCÃO *et al.*, 2020). Nos meses subsequentes ao surgimento dos primeiros casos no Brasil, a mortalidade por Covid-19 abrangeu todas as regiões do país de maneira exponencial, sendo necessário colocar em prática o isolamento social de modo a diminuir a circulação do vírus, fato que resultou na suspensão de atividades presenciais em diversos segmentos da área de prestação de serviços em saúde (FALCÃO *et al.*, 2020; MACÊDO *et al.*, 2020).

As restrições sanitárias empregadas pelas autoridades desencadearam um grande impacto nos serviços ambulatoriais, fazendo com que profissionais de saúde buscassem o uso de novas estratégias para prosseguirem com o acompanhamento de seus pacientes (CORDEIRO, 2020). Tornou-se, então, necessário que os profissionais adentrassem novos âmbitos do cuidado em saúde para garantirem a continuidade de tratamentos interrompidos em decorrência do isolamento social (MACÊDO *et al.*, 2020).

Uma das estratégias utilizadas por profissionais de saúde para que os usuários de seus serviços pudessem dar continuidade aos tratamentos foi a prestação de serviços de saúde a distância através de ferramentas tecnológicas, conhecida também como Telessaúde (SILVA; NASCIMENTO, 2020). Autores ressaltam que a Telessaúde “pode ser um modelo de prestação de serviço para a terapia ocupacional em tempos de COVID-19 e

pode melhorar e ampliar o acesso a ela” (DE-CARLO *et al.*, 2020, p. 360). A Telessaúde mostra-se oportuna quando há inviabilidade de atendimento presencial, assim como quando o uso do atendimento à distância é identificado como positivo pelo profissional (OMURA; CARRETEIRO, 2020).

A Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (World Federation of Occupational Therapists – WFOT) esclarece que a Telessaúde utiliza Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) com o objetivo de oferecer serviços de saúde à distância. A WFOT destaca que existem outros termos que podem descrever esta modalidade, entretanto, Telessaúde é o mais apropriado à prática da Terapia Ocupacional por perpassar os diversos contextos de cuidado em que a profissão está inserida (OMURA; CARRETEIRO, 2020).

Em relação às TIC, as mesmas são definidas como ferramentas tecnológicas desenvolvidas para “obter, armazenar e processar informações, bem como estabelecer comunicação entre diferentes dispositivos, possibilitando que tais informações sejam disseminadas” (SANTOS, 2014, p. 15). Alguns exemplos de TIC são: telefones, smartphones, computadores, tablets, laptops, entre diversos outros (SANTOS, 2014). Na Telessaúde, as principais TIC utilizadas por profissionais de saúde são: telefone fixo, smartphone, computador, notebook e aplicativos das redes sociais (FALCÃO *et al.*, 2020).

Autores como Silva e Nascimento (2020) ressaltam ser primordial considerar alguns aspectos para a utilização da Telessaúde por terapeutas ocupacionais, tais como:

- a) Determinar quais usuários precisam de telemonitoramento e teleconsulta, considerando seu estado de saúde biopsicossocial, especificidades como raça, etnia, gênero, orientação sexual e renda, ou quaisquer desafios para o acesso à informação online e aos serviços essenciais de saúde e garantia de direitos, como a dificuldade de locomoção e comunicação.
- b) Analisar a capacidade funcional na realização de atividades de vida diária – AVD e atividades instrumentais da vida diária – AIVD no ambiente domiciliar e/ou comunitário.
- c) Estratificar casos leves, moderados e graves, de vulnerabilidade socioeconômica, sociodemográfica (escolaridade, ocupação, área

de residência) ou de condição de saúde (utilização de medicamento de uso contínuo, presença de patologias).

d) Justificar técnico-cientificamente a necessidade do atendimento virtual ao usuário e/ou família acompanhada.

e) Estabelecer horários que sejam agradáveis ao usuário, que não comprometam sua rotina.

f) Construir diálogos (mesmo que à distância) frequentes com os familiares/cuidadores ou pessoas que fazem parte do cotidiano do usuário.

g) Considerar os desejos, interesses e consentimento do usuário quanto a esse tipo de atendimento durante todo o acompanhamento terapêutico (SILVA; NASCIMENTO, 2020, p.1017-1018).

No âmbito da Terapia Ocupacional, é fundamental compreender a Telessaúde como um campo de atuação repleto de oportunidades (SILVA; NASCIMENTO, 2020). A Telessaúde pode ser implementada por terapeutas ocupacionais de forma síncrona e/ou assíncrona, e utilizada desde a avaliação de pacientes até a supervisão de outros profissionais, destacando-se a importância de que tais atuações sejam respaldadas pelo Conselho Profissional em Terapia Ocupacional (OMURA; CARRETEIRO, 2020).

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), através da resolução nº 516, publicada em 20 de março de 2020, suspendeu a proibição de consultas ou tratamentos não presenciais e estabeleceu três modalidades de atendimento não presencial:

Artigo 2º A permissão para atendimento não presencial se dará apenas nas modalidades: teleconsulta, teleconsultoria e telemonitoramento.

§ 1º A Teleconsulta consiste na consulta clínica registrada e realizada pelo Fisioterapeuta ou Terapeuta Ocupacional a distância.

§ 2º O Telemonitoramento consiste no acompanhamento a distância de paciente atendido previamente de forma presencial por meio de aparelhos tecnológicos. Nesta modalidade, o Fisioterapeuta ou Terapeuta Ocupacional pode utilizar métodos síncronos e assíncronos, como também deve decidir sobre a necessidade de encontros presenciais para a reavaliação, sempre que necessário, podendo o mesmo também ser feito, de comum acordo, por outro Fisioterapeuta ou Terapeuta Ocupacional local.

§ 3º A Teleconsultoria consiste na comunicação registrada e realizada entre profissionais, gestores e outros interessados da área de saúde, fundamentada em evidências clínico-científicas e em protocolos disponibilizados pelo Ministério da Saúde e pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, com o fim de esclarecer dúvidas sobre procedimentos clínicos, ações de saúde e questões relativas ao processo de trabalho (BRASIL, 2020, p. 184).

Assim, entende-se que o assentimento ao uso do atendimento não presencial passa a permitir que terapeutas ocupacionais adentrem novos âmbitos do cuidado terapêutico (SILVA; NASCIMENTO, 2020). Em relação à teleconsulta inserida no contexto da pandemia de Covid-19, a mesma possibilita que o atendimento ocorra ao mesmo tempo em que o profissional e o paciente permaneçam, cada qual, em seu ambiente domiciliar, mantendo assim a biossegurança de ambos (FILHO; SILVA; DIAS, 2020). O ambiente domiciliar está diretamente interligado à identidade pessoal de cada indivíduo, e é neste ambiente que a teleconsulta transcorre, passando a fazer parte da rotina assistencial de terapeutas ocupacionais e tornando-se um meio potente de atendimento em saúde para os mesmos (RIGBY *et al.*, 2011; CORDEIRO, 2020).

Considerando que a imersão de terapeutas ocupacionais em novos âmbitos requer um preparo que perpassa a formação profissional, torna-se fundamental oportunizar vivências ainda no período acadêmico. É através do ambiente prático, proporcionado essencialmente pelo estágio supervisionado, que estudantes de Terapia Ocupacional têm a oportunidade de vivenciar experiências imprescindíveis ao futuro profissional (EVENSON, 2011). Para Evenson (2011), o estágio supervisionado é a ponte entre a teoria acadêmica e a prática profissional, e impacta diretamente o desenvolvimento do estudante e futuro profissional. Assim, o estágio supervisionado apresenta-se como uma rica experiência na qual o estudante tem a oportunidade de iniciar a relação terapeuta-paciente, exercitar a comunicação com o paciente, instituir o vínculo terapêutico, além de colocar em ação os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da graduação (BERGER, 2011; EVENSON, 2011; PRICE, 2011; TICKLE-DEGREN, 2005). Depoy e Gitlow (2005) destacam que a prática e a teoria devem estar interligadas permanentemente, inclusive no ambiente de estágio. Acerca disso, Schell (2011) refere que a teoria auxilia a tomada de decisões em Terapia Ocupacional. Entretanto,

para Crepeau, Cohn e Schell (2011), nem sempre a fundamentação teórica é identificada nas ações práticas de terapeutas ocupacionais.

Diante do cenário apresentado, é importante levantar discussão acerca do uso da teleconsulta no contexto terapêutico ocupacional, destacando os desafios enfrentados, as potencialidades e estratégias utilizadas por aqueles que vivenciaram tal prática (SILVA; NASCIMENTO, 2020).

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar as experiências vivenciadas por duas estagiárias de Terapia Ocupacional no âmbito da teleconsulta. Para melhor descrevê-lo foram utilizados aportes teóricos que respaldam o que foi vivenciado pelas estudantes, estabelecendo diálogo entre as experiências das estagiárias e o que é dito pelos autores mencionados ao longo deste trabalho.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de um relato das experiências vivenciadas por duas acadêmicas do curso de Terapia Ocupacional de uma Instituição Pública de Ensino Superior, situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. As experiências se deram em um estágio não presencial, sob formato de Telessaúde, vinculado a um projeto de extensão, no período compreendido entre outubro de 2020 e fevereiro de 2021.

Destaca-se que referenciais teóricos orientaram o processo reflexivo para a compreensão da Terapia Ocupacional em Telessaúde. A busca bibliográfica ocorreu em janeiro de 2021, e foram selecionados artigos publicados em revistas científicas de Terapia Ocupacional. Para a seleção das publicações foram utilizados os descritores: teleconsulta, consulta remota e Terapia Ocupacional. Os critérios de inclusão utilizados foram: livre acesso aos artigos científicos; artigos científicos produzidos na língua portuguesa e publicados no Brasil; artigos científicos de autoria de terapeuta ocupacional, ou que tratassem da Terapia Ocupacional; artigos científicos que abordassem a Telessaúde e/ou a teleconsulta no contexto da pandemia de Covid-19, publicados no período de janeiro de 2020 até janeiro de 2021. Foram excluídas duplicatas de artigos já selecionados. Também foram realizadas buscas em livros acadêmicos que norteiam a prática em Terapia Ocupacional, e livros que tratam acerca do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Precedendo a contextualização das experiências vivenciadas, destacam-se nos quadros abaixo, os resultados das obras e publicações científicas selecionadas, seus autores e principais contribuições para o presente trabalho. O quadro 1 refere-se aos livros e o quadro 2 aos artigos científicos, ambos nortearam as reflexões das estagiárias e subsidiaram os apontamentos presentes na discussão.

Quadro 1: informações referentes aos livros que embasaram o relato de experiência intitulado por Teleconsulta: Uma experiência na graduação de Terapia Ocupacional.

Autor(es) do capítulo	Título do livro	Capítulo	Ano	Contribuições para o relato de experiência
DEPOY, E.; GITLOW, L.	Terapia Ocupacional: capacidades práticas para as disfunções físicas	Modelo de prática com base em evidências para a Terapia Ocupacional.	2005	Salientar que a prática e a teoria devem estar conectadas sempre.
TICKLE-DEGNEN, L.	Terapia Ocupacional para disfunções físicas	O vínculo terapêutico.	2005	Evidenciar que o vínculo terapêutico se apoia na ligação de confiança e parceria entre paciente e terapeuta.
BERGER, S.	Willard & Spackman: Terapia Ocupacional	Orientação do Cliente.	2011	Ressaltar a importância do reforço das informações dadas no momento do atendimento, através do uso de áudio, vídeo e multimídias.

CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B.	Willard & Spackman: Terapia Ocupacional	Teoria e Prática em Terapia Ocupacional.	2011	Esclarecer que o conhecimento teórico é de suma importância para a ação profissional em Terapia Ocupacional
EVENSON, M. E.	Willard & Spackman: Terapia Ocupacional	Estágio Supervisionado: A Transição de Aluno para Profissional.	2011	Evidenciar que o estágio supervisionado é uma experiência enriquecedora, destacando seus objetivos na formação acadêmica e a importância do papel do supervisor de estágio na mediação entre a teoria acadêmica e a prática profissional.
PRICE, P.	Willard & Spackman: Terapia Ocupacional	A Relação Terapêutica.	2011	Reforçar a importância dos estudantes praticarem suas aptidões interpessoais e de comunicação no ambiente do estágio supervisionado.
RIGBY, P. <i>et al.</i>	Willard & Spackman: Terapia Ocupacional	Ambientes Físicos.	2011	Ressaltar que a exploração do ambiente físico domiciliar influencia diretamente no tratamento do paciente, por ser um contexto de intervenção essencial.
SCHELL, B. A. B.	Willard & Spackman: Terapia Ocupacional	Raciocínio Profissional na Prática.	2011	Esclarecer que o conhecimento teórico é eficaz para nortear a ação do profissional, além

				de auxiliar no desenvolvimento do raciocínio clínico.
SANTOS, C. F. R.	Tecnologias de informação e comunicação	O que são tecnologias de informação e comunicação (TICs)?	2014	Salientar que a interação com as ferramentas tecnológicas requer certa instrumentalização, conhecimento e preparação prévia acerca de seu funcionamento.

Fonte: SILVA, A. C. D.; SILVA, E. C. F., 2021.

Quadro 2: informações referentes aos artigos científicos que embasaram o relato de experiência intitulado por Teleconsulta: Uma experiência na graduação de Terapia Ocupacional.

Autor(es)	Título do artigo	Ano	Contribuições para o relato de experiência
CORDEIRO, J. J. R.	A comunicação social dos terapeutas ocupacionais durante a pandemia da COVID-19.	2020	Salientar que adversidades podem contribuir para o crescimento pessoal do indivíduo.
DE-CARLO, M. M. R. P. <i>et al.</i>	Diretrizes para a assistência da Terapia Ocupacional na pandemia da COVID-19 e perspectivas pós-pandemia.	2020	Esclarecer que, nos atendimentos remotos, possíveis dificuldades no manejo de ferramentas tecnológicas, podem estar presentes a depender do perfil do público atendido.
FALCÃO, I. V. <i>et al.</i>	A Terapia Ocupacional na atenção primária da saúde reinventando ações no cotidiano frente às alterações provocadas pelo COVID-19.	2020	Destacar que a Telessaúde é uma alternativa segura para manter os atendimentos em Terapia Ocupacional.
FILHO, C. R. M. V.; SILVA, S. C. L.; DIAS, L. H. A.	Terapia Ocupacional e vigilância epidemiológica: monitoramento telefônico de	2020	Salientar que o uso da teleconsulta ajuda a manter a biossegurança, tanto do paciente quanto do profissional, durante a

	pacientes confirmados com COVID-19.		pandemia de Covid-19.
MACÊDO, F. O. A. <i>et al.</i>	Ações e experiências de terapeutas ocupacionais no contexto da pandemia do Covid-19.	2020	Demonstrar que, através da Telessaúde, os serviços de saúde puderam dar continuidade aos tratamentos suspensos em decorrência da pandemia.
OMURA, K. M.; CARRETEIRO, G.	Declaração de posição Telessaúde.	2020	Esclarecer acerca da importância de terapeutas ocupacionais informarem aos seus pacientes a natureza dos serviços prestados à distância.
SILVA, J. J. B.; NASCIMENTO, A. C. B.	Terapia Ocupacional e Telessaúde em tempos de Covid-19.	2020	Ressaltar que a participação da família no tratamento, pode ser evidenciada no atendimento remoto.

Fonte: SILVA, A. C. D.; SILVA, E. C. F., 2021.

A experiência em Telessaúde se deu através da participação das estudantes em um estágio supervisionado, que ocorreu vinculado a um projeto de extensão, com ênfase na reabilitação física de pacientes anteriormente atendidos em ambulatório (serviço-escola) de Terapia Ocupacional, o qual suspendeu os atendimentos presenciais em decorrência da pandemia de Covid-19. Este rearranjo em um serviço-escola corroborou o que foi descrito por Macêdo *et al.* (2020) ao enfatizarem que, durante a pandemia, houve a necessidade dos serviços de saúde se readequarem conforme o surgimento das demandas. Assim, compreendendo que a interrupção do tratamento poderia ocasionar repercussões negativas na saúde dos pacientes, a Telessaúde foi adotada para dar seguimento aos tratamentos interrompidos em meio à pandemia (FALCÃO *et al.*, 2020; MACÊDO *et al.*, 2020).

O uso da modalidade Telessaúde se mostrou uma possibilidade viável no processo teórico-prático de formação dos estudantes de Terapia Ocupacional que necessitavam experienciar a prática clínica em estágio supervisionado. Esta medida foi adotada como uma alternativa para evitar

que profissionais, acadêmicos e pacientes se expusessem ao novo coronavírus em meio à pandemia. Acerca disso, Falcão *et al.* (2020) salientam que a Telessaúde, inicialmente, foi alvo de dúvidas, porém, no contexto de pandemia tornou-se reconhecidamente um meio eficaz de manter a execução de diversos serviços em saúde. Nesse cenário, a Terapia Ocupacional também buscou introduzir a Telessaúde em seu processo de trabalho, como uma alternativa segura para manter os atendimentos terapêuticos ocupacionais (FALCÃO *et al.*, 2020).

A participação no estágio ocorreu entre o final de 2020 e início de 2021. As estagiárias desenvolveram atividades referentes ao campo da reabilitação física, com foco em afecções traumato-ortopédicas e neurodegenerativas. A experiência na Telessaúde permitiu que as estudantes vivenciassem a prática clínica em Terapia Ocupacional, além de proporcionar diversas possibilidades de enriquecimento acadêmico, profissional e pessoal. No âmbito da Terapia Ocupacional, observou-se que a experiência em estágio supervisionado foi imprescindível no desenvolvimento dos acadêmicos e futuros profissionais. Tais reflexões foram identificadas no estudo de Evenson (2011), que ressalta que o estágio supervisionado é uma experiência agregadora e que pode influenciar diretamente a escolha da carreira profissional do estagiário. Para Costa (2004) *apud* Evenson (2011), os principais objetivos do estágio supervisionado são: oportunizar a prática do conhecimento teórico, estimular o desenvolvimento do raciocínio clínico dos estudantes, e colocar em prática as técnicas terapêuticas ocupacionais.

Para a efetivação do estágio, foi realizada a coleta dos dados para conhecer as possibilidades dos pacientes adentrarem a teleconsulta, que ocorreu através do uso de ferramentas tecnológicas, especificamente smartphone, plataforma Google Meet e aplicativo Whatsapp. Na literatura, o uso de tais recursos, como intermédio de consultas à distância, é considerado uma boa escolha por estarem presentes no dia-a-dia de grande parte dos brasileiros, e por proporcionarem agilidade na troca de

informações (TORRES; ILKA; ROQUE, 2013 *apud* FILHO; SILVA; DIAS, 2020).

Os encontros virtuais com os pacientes aconteceram de acordo com suas demandas e disponibilidades específicas, durando em torno de uma hora, sempre sob supervisão de docentes do curso de Terapia Ocupacional que observavam, orientavam e guiavam as estagiárias, além de intervirem quando necessário. Evenson (2011) destaca que algumas das principais atribuições do supervisor de estágio são:

Desenvolver e proporcionar a melhor oportunidade para a aplicação dos conceitos teóricos oferecidos como parte do programa de formação acadêmica, ao mesmo tempo que cria um ambiente que facilite o aprendizado, o questionamento, o autodirecionamento e a reflexão sobre a própria prática (EVENSON, 2011, p. 390).

É importante salientar que todos os pacientes autorizaram sua participação nos atendimentos via teleconsulta através de assentimento ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O uso do TCLE foi necessário para formalizar a compreensão dos pacientes acerca das condições estabelecidas para o tratamento, assim como as responsabilidades ao aderirem à teleconsulta. Em conformidade, Macêdo *et al.* (2020) relatam que, antes de iniciarem os atendimentos remotos, enviaram o TCLE para leitura pelos pacientes e posterior concordância com o documento através da gravação individual de um áudio, registrando-se assim o aceite às regras do serviço à distância ofertado. Acerca disso, a Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais considera imprescindível o registro do consentimento do paciente ao tratamento, assim como a prestação de esclarecimentos éticos quanto ao uso do atendimento à distância:

Os terapeutas devem informar aos clientes sobre a natureza dos serviços de Terapia Ocupacional a serem prestados, riscos, benefícios, opções de tratamentos alternativos, e quaisquer limites de privacidade, segurança, e confidencialidade de informação clínica pessoal associada com a tecnologia (OMURA; CARRETEIRO, 2020, p. 419).

Antes de iniciarem as teleconsultas, foi fundamental que as estagiárias atentassem para determinados aspectos que envolviam o

atendimento através de ferramentas tecnológicas. Sendo assim, foi indispensável uma preparação individual, não só acerca da ferramenta tecnológica que seria empregada, mas também em relação aos cuidados com o ambiente em que ocorreriam as teleconsultas. Dessa maneira, houve a necessidade de que as estagiárias garantissem um ambiente privado, silencioso e com boa iluminação para o momento das teleconsultas. Foi necessário o correto posicionamento do smartphone e enquadramento da câmera (mantendo certa distância para que o paciente pudesse visualizar todo o rosto e/ou corpo das estagiárias), além da utilização de fones de ouvido para transmitir um tom de voz confortável e evitar ruídos indesejáveis. Tais cuidados também foram transmitidos sob forma de orientação para os pacientes e reproduzidos por eles no momento das teleconsultas. Em consonância com a vivência das estagiárias, Santos (2014) refere que, apesar da interação das pessoas com as ferramentas tecnológicas ser cada vez mais acentuada, este ainda é um processo que requer certa instrumentalização para grande parte da população. Comumente, pode-se observar pessoas que possuem dificuldades em lidar com Tecnologias de Informação e Comunicação presentes no dia-a-dia, assim sendo, seu uso requer conhecimento e preparação prévia acerca de seu funcionamento (SANTOS, 2014).

Através da teleconsulta ocorreu a primeira ação para a avaliação inicial dos pacientes. Foi criado um roteiro em formato de entrevista adaptada às necessidades de cada perfil de paciente, e realizado tutorial para autoavaliação dos pacientes (como a exemplo da auto mensuração de segmentos corpóreos, realizado pelos próprios pacientes, com auxílio de fita métrica) e observação da área acometida através de fotos e videochamada. Nesse cenário, foi indispensável que as estagiárias elaborassem novas estratégias para substituir e adaptar as avaliações que convencionalmente seriam aplicadas de maneira presencial, tornando esse momento de criação de suma importância para a compreensão da prática no estágio supervisionado. Evenson (2011) complementa essa ideia e

destaca que a experiência vivida no ambiente de estágio, quando ampla e diversificada, torna-se desafiadora, fazendo com que o estagiário tenha a oportunidade de refletir e modificar aspectos de si próprio.

Após a avaliação inicial dos pacientes, foi desenvolvido o plano de tratamento, que englobava o uso de métodos e técnicas para o alcance dos objetivos terapêuticos estabelecidos previamente. No decorrer das teleconsultas foram realizados exercícios de alongamento, fortalecimento e amplitude de movimento, além de serem empregadas técnicas para diminuição dos gastos energéticos durante a realização das atividades propostas, comando verbal para orientar os pacientes durante os exercícios conduzindo-os para a correta execução e relaxamento. Vale ressaltar que foi imprescindível a adaptação das atividades e exercícios para o meio domiciliar dos pacientes, fato que gerou a necessidade de substituição de recursos terapêuticos convencionais por materiais domésticos. A experiência aqui apresentada foi semelhante ao relato de Macêdo *et al.* (2020), no qual a teleconsulta foi implementada como estratégia para manutenção dos atendimentos no contexto pandêmico, e o tratamento à distância era composto por atividades compatíveis com recursos disponíveis no domicílio de cada paciente.

Para além disso, a elaboração de materiais educativos para cada tratamento e a realização de orientações relativas à manutenção dos exercícios domiciliares foram recorrentes na composição do tratamento dos pacientes. Ao longo das intervenções, as estratégias usadas mostraram-se essenciais para que os pacientes se mantivessem comprometidos com o processo de reabilitação, o que impactou positivamente o tratamento terapêutico ocupacional, como, por exemplo, a possibilidade dos pacientes relembrares continuamente os exercícios e atividades propostas. Há tempos discute-se na literatura de Terapia Ocupacional sobre o uso de estratégias de reforço das informações transmitidas no momento do atendimento. Berger (2011) cita o uso de áudio, vídeo e multimídias para reforçar e relembrar informações

relevantes dadas aos pacientes. Dessa forma, há de se destacar a importância da orientação para manutenção domiciliar dos exercícios e atividades recomendadas, sendo esta uma prática terapêutica ocupacional que necessita ser mais empregada pelos profissionais ao longo do processo de tratamento (BERGER, 2011).

Também foram implementadas condutas educativas para conscientização da prevenção ao novo coronavírus através de diálogo contínuo acerca do assunto, visto que alguns dos pacientes faziam parte do grupo de risco para a Covid-19. No que se refere ao exposto, Macêdo *et al.* (2020) relatam em seu estudo acerca do uso de cartilhas personalizadas, em formato PDF, abordando as atividades viáveis aos pacientes em isolamento social e ações preventivas na pandemia.

Com a execução das teleconsultas, as estagiárias puderam observar que o uso de ferramentas tecnológicas como meio de atendimento remoto pôde facilitar uma maior conexão tanto com o paciente quanto com a família, favorecendo uma melhor interação entre o paciente, o terapeuta e a família. Tais impressões também são compartilhadas por Silva e Nascimento (2020), que esclarecem que a teleconsulta possibilita ao terapeuta ocupacional adentrar novas situações do contexto assistencial, favorecendo maior interação com o ambiente físico e social em que o paciente está inserido. Dessa maneira, a presença e o envolvimento familiar no tratamento podem ser acentuados no formato de atendimento remoto (SILVA; NASCIMENTO, 2020).

Além disso, a experiência desenvolvida facilitou a exploração do ambiente físico em que o paciente desempenhava suas atividades, colocando as estagiárias, de certa forma, dentro da casa do paciente. Tal experiência poderia ser vivenciada de maneira positiva ou negativa: por um lado, seria possível analisar o ambiente físico ou a execução de determinadas tarefas, por outro lado, a imersão neste espaço íntimo poderia gerar desconfortos ou ultrapassar os limites terapêuticos, caso não

houvesse preparo adequado para lidar com a referida situação. Para as estagiárias, que estavam sob supervisão docente de terapeutas ocupacionais experientes em tais vivências, a oportunidade de adentrar o espaço físico em que o paciente desempenhava suas atividades influenciou positivamente nos atendimentos, já que, as estagiárias puderam analisar os melhores locais para realização de determinados exercícios (como a exemplo do alongamento de membros inferiores que exigia um lugar seguro contra possíveis quedas). Para Rigby *et al.* (2011), em decorrência de diversos fatores, a exploração do ambiente físico domiciliar dos pacientes é, por vezes, posta de lado ao longo do tratamento terapêutico ocupacional, ficando os profissionais apoiados apenas em narrativas do paciente e da família para adentrarem nesse contexto de suma importância. A impossibilidade de acesso ao domicílio do paciente pode interferir negativamente no processo de tratamento, dessa forma, o uso da teleconsulta torna-se eficaz e essencial na exploração do ambiente físico em que o paciente está inserido (RIGBY *et al.*, 2011).

Durante o percurso das ações desenvolvidas, diversos desafios foram enfrentados pelas estagiárias, dentre eles o estabelecimento de vínculo terapêutico através de ferramentas tecnológicas. Para Tickle-Degnen (2005), o vínculo terapêutico baseia-se no envolvimento contínuo de confiança e colaboração na relação estabelecida entre o paciente e seu terapeuta, o que favorece o alcance dos objetivos terapêuticos e promove consequente efeito positivo sobre o tratamento do paciente.

Ao longo da graduação em Terapia Ocupacional, muito discute-se sobre a importância do vínculo terapêutico. Nos atendimentos à distância, a maior dificuldade para as estagiárias se deu pela ausência do contato presencial com o paciente, fato que se somou à inexperiência de estarem vivenciando o primeiro contato com a prática clínica. Para o êxito na construção do vínculo terapêutico, foi preciso maior envolvimento interpessoal com cada paciente, gerando uma relação terapêutica de

mútua colaboração. Em relação a isso, Price (2011) enfatiza ser essencial que os estudantes de Terapia Ocupacional sejam incentivados a exercitar suas habilidades interativas, interpessoais e de comunicação com intuito de potencializar o processo terapêutico.

O ambiente dos atendimentos à distância, por si só, propiciaram adversidades que são inerentes ao seu uso. A dependência de conexão com a internet para efetivação da interação síncrona, com certeza, foi a principal dificuldade tecnológica. Em alguns momentos, as estagiárias passaram por situações de perda de conexão de internet com os pacientes, fato relativamente comum nesse tipo de interação, mas que pode atrapalhar o desenvolvimento da teleconsulta. Tal contratempo esteve presente tanto por parte dos pacientes quanto das estagiárias e foram contornados e compreendidos por ambas as partes. Em seu estudo, Troncoso *et al.* (2012) *apud* Filho, Silva e Dias (2020) evidenciam que há certa dificuldade em assegurar a qualidade assistencial no atendimento à distância, destacando a escuta qualificada e o raciocínio clínico apurado como requisitos profissionais básicos, sendo importante que tais competências sejam expandidas no contexto do atendimento à distância.

Para além disso, houve ainda questões ambientais que permearam a teleconsulta, na qual foram recorrentes interferências por ruídos e pessoas transitando no espaço físico do atendimento. Lidar com o ambiente domiciliar do paciente através do meio remoto foi um desafio, mas também uma possibilidade de vivenciar e aprender com as intercorrências presentes, que, inclusive, se assemelhavam com as vivenciadas na assistência domiciliar presencial, tornando-se uma oportunidade de adentrar o ambiente físico e social em que o paciente está inserido. Acerca disso, Silva e Nascimento (2020) citam em seu estudo que a prática da teleconsulta realizada por terapeutas ocupacionais deve seguir igualmente os padrões ético-profissionais estabelecidos em ações presenciais, ressaltando que possíveis intercorrências que venham a surgir

no decorrer das intervenções devam ser transpostas com total profissionalismo.

Outra adversidade vivenciada pelas estagiárias foi a adaptação inicial dos pacientes de maior faixa etária ao uso das ferramentas tecnológicas empregadas nas teleconsultas. Um dos pacientes apresentou dificuldade em lidar com o smartphone devido à ausência de experiência pregressa. Com isso, foi necessário realizar uma readequação do plano de tratamento empregado, ajustando a complexidade do uso da ferramenta tecnológica disponível às possibilidades de maior facilidade para o paciente. Ademais, o envolvimento familiar foi imprescindível para a adaptação do paciente ao ambiente virtual de atendimento. Em consonância com o fato citado, a literatura aponta como obstáculo o uso do atendimento via ferramentas tecnológicas para idosos e indivíduos com deficiência física ou intelectual, ou em situação de vulnerabilidade social, pois ainda é comum que essas pessoas não disponham de acesso às diversas tecnologias existentes (CATAPAN; CALVO, 2020 *apud* FILHO; SILVA; DIAS, 2020). DE-CARLO *et al.* (2020) destacam que, dificuldades no manejo de ferramentas tecnológicas, podem estar presentes nos atendimentos remotos a depender do perfil dos pacientes atendidos.

Apesar da dificuldade inicial, o formato de atendimento através de ferramentas tecnológicas foi bem aceito por todos os pacientes, inclusive pelos de maior faixa etária, tendo sido uma forma de aproximar este público às atuais tecnologias (como recursos audiovisuais, uso de fone de ouvido e Chromecast em TV), que visivelmente facilitaram o desempenho dos pacientes no momento das teleconsultas. Nesse tocante, Macêdo *et al.* (2020) ressaltam a necessidade de cautela ao introduzir novas ferramentas tecnológicas na rotina do paciente, devendo ser cogitada a plataforma/aplicativo mais acessível e mais fácil para uso do paciente, considerando suas singularidades.

Outro desafio imposto pelo atendimento à distância foi a ausência de contato físico com os pacientes. Tendo sido a reabilitação física o foco das teleconsultas realizadas no estágio, a impossibilidade de manipular os pacientes foi, inicialmente, uma barreira a ser quebrada, isso porque, ao longo da formação acadêmica, reabilitar fisicamente é compreendido por meio de contato físico. Assim sendo, quando as estagiárias foram confrontadas com o atendimento à distância, surgiu a necessidade de agregar novos conhecimentos ao que havia sido aprendido anteriormente em sala de aula. Novas possibilidades de cuidado, até então desconhecidas pelas estagiárias, foram incluídas na bagagem acadêmica e profissional. Ao confrontar a realidade vivenciada com a literatura, Silva e Nascimento (2020) alegam que, em muitas situações da rotina assistencial na reabilitação física, é necessário o contato físico entre o terapeuta ocupacional e o paciente, sendo comum que o atendimento à distância seja considerado, para algumas pessoas, improvável no processo de reabilitação de pacientes com acometimentos físicos. Entretanto, frente às novas possibilidades de cuidado em saúde, tal juízo vem sendo abolido paulatinamente (SILVA; NASCIMENTO, 2020).

Estudos apontam que situações de dificuldade como as vivenciadas pelas estagiárias podem favorecer o crescimento pessoal, uma vez que impulsionam o indivíduo a buscar soluções para os conflitos enfrentados (CORDEIRO, 2020). Para Evenson (2011), a passagem da sala de aula para o ambiente do estágio supervisionado é uma transição muito significativa na vida dos estudantes, embora muitas vezes subestimada. Evenson (2011) acrescenta que tal transição ocorre na medida em que os estudantes adentram o exercício efetivo de sua futura profissão, gerando um processo de mudança interna. Todo esse processo pode desestabilizar internamente os estudantes, o que pode tanto dificultar o desempenho no ambiente de estágio quanto ser uma oportunidade para o crescimento individual do estagiário, desde que o mesmo receba o suporte necessário (EVENSON, 2011).

As novas experiências vivenciadas pelas estagiárias implicaram em novas responsabilidades, o que ocasionou medo e insegurança. O sentimento de medo permeou grande parte do período da experiência no estágio supervisionado: medo de errar, medo de não conseguir conciliar todas as demandas acadêmicas, medo de não ter um bom desempenho, medo de não se adaptar ao modelo remoto, entre outros. Entretanto, no decorrer das teleconsultas, com o auxílio da literatura e da supervisão teórica, o sentimento de medo se esvaiu e deu lugar à segurança de saberem o quê e para quê estavam fazendo, possibilitando uma experiência intrínseca enriquecedora. Vale destacar a importante contribuição dos supervisores de estágio na formação profissional das estagiárias ao exercerem o papel de mediadores entre o suporte teórico e a ação prática. Tornou-se possível, então, compreender a importância de consultar a literatura para subsidiar a prática clínica. Crepeau, Cohn e Schell (2011) ressaltam a importância de novos profissionais recorrerem ao conhecimento teórico como parte fundamental para compor a base da ação profissional em Terapia Ocupacional.

Depoy e Gitlow (2005) enfatizam a importância de se ampliar a discussão acerca das intervenções desenvolvidas em Terapia Ocupacional possuírem bases teóricas e produzirem evidências de resultados positivos. Em consonância, Schell (2011) esclarece que a busca de conhecimento teórico para basear a prática profissional dificulta a utilização de técnicas sem eficácia comprovada ou meras suposições, além de auxiliar no processo reflexivo do profissional. DE-CARLO *et al.* (2020, p. 335) complementam o exposto anteriormente e destacam, em seu estudo, que “a prática clínica da terapia ocupacional, cientificamente fundamentada e baseada em evidências, é imprescindível para o oferecimento de intervenções com resultados e eficácia demonstrados”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência no estágio supervisionado proporcionou reflexões acerca da importância do estudante de Terapia Ocupacional ter a oportunidade de vivenciar a prática terapêutica em diferentes âmbitos, mostrando-se uma fonte enriquecedora de aprendizagem na formação acadêmica.

A Telessaúde apresentou-se como um potente meio de prestação de serviços para terapeutas ocupacionais. Para muitos profissionais, ainda é um grande desafio vivenciar a Telessaúde, porém somente com sua profunda compreensão os terapeutas ocupacionais poderão se apropriar efetivamente das possibilidades terapêuticas contidas na esfera da Telessaúde, usando-as em benefício de seus pacientes. Para isso, é fundamental que profissionais e futuros profissionais busquem aprimorar seus conhecimentos a respeito do assunto.

Ao longo deste trabalho, observou-se a importância de ampliar o debate acerca da Terapia Ocupacional no contexto da Telessaúde, com ênfase em ações desenvolvidas através da teleconsulta, além da necessidade de incentivar que outros estudantes de Terapia Ocupacional também explorem a prática em Telessaúde, seja através do estágio supervisionado, projetos de extensão ou de outras vivências possíveis no ambiente acadêmico.

Para as estagiárias, a oportunidade de adentrar o âmbito da teleconsulta trouxe experiências únicas ao repertório acadêmico-profissional, além de proporcionar vivências pessoais desafiadoras e estimulantes que serão levadas, como aprendizado, ao longo de todo o trajeto de vida.

Por fim, espera-se que o presente trabalho instigue novos estudos que ressaltem as ações de acadêmicos e profissionais de Terapia Ocupacional na Telessaúde.

REFERÊNCIAS

- BERGER, S. Orientação do Cliente. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 41, p. 611-621.
- BRASIL. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). Resolução nº 516, de 20 de março de 2020. Dispõe sobre a suspensão temporária do Artigo 15, inciso II e Artigo 39 da Resolução COFFITO nº 424/2013 e Artigo 15, inciso II e Artigo 39 da Resolução COFFITO nº 425/2013 e estabelece outras providências durante o enfrentamento da crise provocada pela Pandemia do COVID-19. **Diário Oficial da União**, seção 1, n. 56, p. 184, Brasília - DF, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/03/2020&jornal=515&pagina=184>. Acesso em 15 jan. 2021.
- CORDEIRO, J. J. R. A comunicação social dos terapeutas ocupacionais durante a pandemia da COVID-19. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 438-450, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34244>. Acesso em 10 jan. 2021.
- CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. Teoria e Prática em Terapia Ocupacional. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 42, p. 624-631.
- DE-CARLO, M. M. R. P. *et al.* Diretrizes para a assistência da Terapia Ocupacional na pandemia da COVID-19 e perspectivas pós-pandemia. **Revista Medicina (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 53, n. 3, p. 332-369, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/173471>. Acesso em 10 jan. 2021.
- DEPOY, E.; GITLOW, L. Modelo de prática com base em evidências para a Terapia Ocupacional. In: PEDRETTI, L. W.; EARLY, M. B. **Terapia Ocupacional: capacidades práticas para as disfunções físicas**. 5. ed. São Paulo: Roca, 2005. cap. 7, p. 63-73.
- EVENSON, M. E. Estágio Supervisionado: A Transição de Aluno para Profissional. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 26, p. 384-393.
- FALCÃO, I. V. *et al.* A Terapia Ocupacional na atenção primária a saúde reinventando ações no cotidiano frente às alterações provocadas pelo COVID-19. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia**

Ocupacional, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 333-350, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34454>. Acesso em 10 jan. 2021.

FILHO, C. R. M. V.; SILVA, S. C. L.; DIAS, L. H. A. Terapia Ocupacional e vigilância epidemiológica: monitoramento telefônico de pacientes confirmados com COVID-19. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 1004-1012, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34799>. Acesso em 10 jan. 2021.

MACÊDO, F. O. A. *et al.* Ações e experiências de terapeutas ocupacionais no contexto da pandemia do Covid-19. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 318-333, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34058>. Acesso em 10 jan. 2021.

OMURA, K. M.; CARRETEIRO, G. Declaração de posição Telessaúde. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 416-421, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34165>. Acesso em 10 jan. 2021.

PRICE, P. A Relação Terapêutica. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 33, p. 486-504.

RIGBY, P. *et al.* Ambientes Físicos. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 60, p. 1152-1172.

SANTOS, C. F. R. O que são tecnologias de informação e comunicação (TICs)? In: SANTOS, C. F. R. **Tecnologias de informação e comunicação**. Paraná: Unicentro, 2014. cap. 1, p. 13-20.

SCHELL, B. A. B. Raciocínio Profissional na Prática. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. cap. 32, p. 467-484.

SILVA, J. J. B.; NASCIMENTO, A. C. B. Terapia Ocupacional e Telessaúde em tempos de Covid-19. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 1013-1022, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/36001>. Acesso em 10 jan. 2021.

TICKLE-DEGNEN, L. O vínculo terapêutico. In: TROMBLY, C. A., RADOMSKI, M. V. **Terapia Ocupacional para disfunções físicas**. 5. ed. São Paulo: Santos Editora, 2005. cap. 13, p. 299-310.